

Outsiders: um conceito de difícil operacionalização na Ciência Política

DOI 10.1590/1678-98732331e023

Roberta Picussa¹  ¹Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, Brasil.Palavras-chave: políticos *outsiders*; discurso *anti-establishment*, partidos políticos, carreiras políticas, revisão de escopo.

RESUMO **Introdução:** O sucesso eleitoral de *outsiders*, isto é, aqueles que constroem suas carreiras fora dos partidos políticos estabelecidos, não é novo, mas é cada vez mais presente na Europa, nos Estados Unidos e na América Latina. Como definir esse fenômeno e aplicar o conceito? **Materiais e métodos:** Através de pesquisa de alta sensibilidade nas bases Web of Science, Scopus, SciELO Brasil, Redalyc e Google Scholar foram selecionados 30 documentos para esta revisão de escopo. A partir da análise dos artigos, examinou-se como o fenômeno tem sido tratado na Ciência Política e quais as bases empíricas para a definição do político *outsider*. **Resultados:** Três dimensões mostraram-se essenciais para identificar *outsiders*: 1) partidária, 2) discursiva e 3) profissional. A primeira dimensão verifica se o indivíduo ganhou proeminência dentro ou fora dos partidos tradicionais. A segunda dimensão examina se esse líder tem uma retórica *anti-establishment* político. A terceira dimensão investiga se ele já possuía uma posição na política institucional antes de lançar-se na disputa eleitoral. Constatou-se que na maioria dos estudos há uma tendência de se chamar de *outsiders* líderes e partidos políticos que utilizam um discurso de crítica exacerbada à classe política. **Discussão:** Ainda permanecem alguns desafios conceituais e metodológicos nesse campo de estudos. Ao lado de diferentes ênfases em determinadas variáveis pelas áreas que abordam o fenômeno (ciência política, comunicação política), há dificuldades para se operacionalizar o conceito de *outsider* tal como estabelecido na literatura. Diferentes tipos de *outsiders* já foram identificados nos casos de eleições presidenciais. Entretanto, para aplicar esse modelo aos cargos legislativos é preciso refinar o conceito e incorporar nas análises o estudo das carreiras políticas.

Recebido em 9 de Dezembro de 2022. Aprovado em 17 de Agosto de 2023. Aceito em 22 de Setembro de 2023.

I. Introdução¹

¹ Agradeço aos pareceristas anônimos da Revista de Sociologia e Política pela valiosa contribuição ao aprimoramento deste artigo.

O objetivo deste artigo é estabelecer bases conceituais para a identificação de atores políticos como *outsider*. Como veremos ao longo desta Introdução, existem muitos exemplos de líderes neófitos ocupando cargos políticos de relevância em democracias pouco ou muito consolidadas na Europa, Estados Unidos e América Latina. Entretanto, a definição do que caracteriza um *outsider* na política não parece ser consensual na literatura.

Outsider é um termo da língua inglesa utilizado para transmitir diversos significados relacionados ao não pertencimento. Ser *outsider* é ser de fora, um forasteiro, um estranho em relação a um lugar ou grupo específico. No contexto da Ciência Política, o uso do termo *outsider* para designar figuras políticas é usado de diferentes formas. Alguns dos chamados *outsiders* não tinham nenhuma experiência política antes de se eleger, outros tinham alguma experiência, mas não tinham vínculos com os partidos tradicionais. Muitos - se não todos - desses líderes *outsiders* que tiveram sucesso em eleições são caracterizados pelo tipo de discurso que propagam e não pela localização em relação ao sistema partidário (Barr, 2009). Isso significa que os observadores tendem a dar mais ênfase para a questão de que esses atores têm um discurso crítico à classe política, e por isso são classificados como *anti-establishment* (Schedler, 1996) e/ou populistas. Essa questão ganha mais proeminência do que a análise exclusiva sobre se esses atores são novatos ou não em relação à dinâmica política tradicional (Carreras, 2012).

O objetivo deste artigo é realizar uma revisão bibliográfica de escopo sobre *outsiders* na política para tentar entender os motivos de sua indefinição. As principais questões que pretendemos responder são:

- Q1) Como a literatura aborda o fenômeno político dos *outsiders*?
- Q2) Há uma definição consensual de *outsiders* políticos?
- Q3) É possível operacionalizar o conceito para utilizá-lo para tratar de cargos tanto do executivo, quanto do legislativo?

A motivação para empreender tal revisão é promover uma intersecção entre duas agendas de pesquisa na Ciência Política. A primeira é a que investiga os motivos pelos quais diversos países têm virado as costas para a classe política e para os partidos tradicionais, tendo preferido eleger atores estranhos à política. Esses líderes, em geral, possuem um forte discurso de crítica ao *status quo*, tendências autoritárias e populistas. Exemplos emblemáticos dessa discussão são as obras de [Levitsky & Ziblatt \(2018\)](#) e [Norris & Inglehart \(2019\)](#).

Enquanto tais obras fornecem uma discussão ampla e, ao mesmo tempo, profunda das mudanças sociais, econômicas e políticas que favorecem a ascensão de *outsiders* ao cargo de Presidente, elas se preocupam menos em conceituar o que caracteriza o *outsider* enquanto ator político. Esse tipo de discussão importa a outra agenda de pesquisa, sobre o perfil das elites políticas e, mais especificamente, os padrões de carreira na política e a profissionalização dos políticos ([Cotta & Best, 2007](#); [Searing, 1987](#)). Neste artigo, estamos interessados em saber como conceituar e identificar um *outsider* político. Seja ele o presidente da maior democracia do mundo ou um membro do parlamento nacional de uma democracia qualquer, como poderíamos identificá-lo e caracterizá-lo de acordo com a literatura?

A seguir, apresentamos alguns exemplos da ocorrência do fenômeno, e como eles possuem origens diversas do ponto de vista profissional e partidário:

A invasão militar russa à Ucrânia em fevereiro de 2022 levou uma grande parte da população global a conhecer Volodymyr Zelensky, o presidente novato da Ucrânia. Antes de sua eleição em 2019, Zelensky era um comediante, roteirista e diretor de TV sem qualquer experiência na política. Ele ficou muito popular ao interpretar, em um programa de humor, um cidadão indignado contra a corrupção que se torna presidente do país. Em 2019, ele disputou a presidência com outros 44 candidatos. No primeiro turno, apenas quatro conseguiram conquistar mais de 10% dos votos. Zelensky teve 30,4%, seguido pelo então presidente da Ucrânia, Petro Poroshenko, que teve 16% e com quem disputou o segundo turno. O estreante superou adversários com larga experiência política, concorrendo pelo recém-fundado partido “Servo do Povo”, mesmo nome do show de TV que estrelava ([Figus et al., 2020](#)). Com essa vitória, o ucraniano entrou para o rol de presidentes *outsiders* da nova onda das democracias.

O sucesso eleitoral de indivíduos que constroem suas carreiras fora da esfera partidária não é novo, mas tem se tornado um fenômeno mais disseminado geograficamente na última década, atingindo democracias mais consolidadas. Se nos anos 1990 países da América Latina viram muitos líderes de fora do *establishment* partidário chegarem ao cargo de Presidente, como Alberto Fujimori, no Peru, Hugo Chávez na Venezuela, Fernando Lugo no Paraguai, Lúcio Gutiérrez e Rafael Correa no Equador, atualmente é possível observar esse fenômeno também na Europa e nos Estados Unidos.

Em 2017, na França, o ex-ministro da Fazenda Emmanuel Macron se elegeu à presidência por um partido recém-fundado por ele próprio, o *En Marche*,

em sua primeira candidatura à eleição. Na Itália, Beppe Grillo, um ator e humorista, fundou em 2005 um movimento chamado *Cinque Stelle*, que não se identifica como partido político tradicional, mas que em 2013 conseguiu eleger 25% dos representantes na Câmara dos Deputados. Finalmente, nos EUA o empresário e apresentador de TV Donald Trump se elegeu ao cargo máximo do país em 2016 derrotando a candidata Hillary Clinton, representante mor do *establishment* político americano.

Mas, afinal, o que todos esses agentes têm em comum? Com base em que se pode chamá-los de *outsiders*?

O artigo está dividido em seis seções. Além dessa Introdução, a seção seguinte apresenta o estado da arte da literatura sobre políticos *outsiders*. Em seguida, apresentamos os materiais e os métodos utilizados no desenvolvimento da pesquisa. Em resultados, elencamos os principais achados da pesquisa, que mostra a quais temas o fenômeno dos *outsiders* políticos está mais atrelado, como o discurso *anti-establishment* e o populismo. Na sequência, a seção de discussão do artigo enfatizamos o debate acerca das questões de pesquisa levantadas, e os problemas e desafios das definições encontradas de políticos *outsiders*. Por fim apresentamos as conclusões.

II. Outsiders na política: por onde começar

A literatura sobre políticos *outsiders* está em sua grande maioria escrita na língua inglesa ou espanhola. São pouquíssimos os trabalhos que tratam desse tema no Brasil, ou que estejam traduzidos para o português. Os poucos estudos publicados (Marengo, 1997; Oliveira et al., 2019; Paiva & Alves, 2020) analisam casos empíricos de alguns atores *outsiders* na política brasileira, mas sem oferecer uma discussão teórica robusta sobre o termo e o seu significado para o sistema político.

As principais obras que tratam de *outsiders* na arena política (Kenney, 1998; Barr, 2009; Carreras, 2012) exploram seus sucessos em disputas presidenciais. Esses estudos se destacam por discutir a definição mais adequada de *outsider* e em todos os casos os autores identificaram diferentes tipos de *outsiders*.

Os *outsiders*, enquanto atores políticos, são muitas vezes caracterizadas como populistas ou *anti-establishment*. Kenney (1998) vislumbrou a necessidade de definir duas dimensões das relações dos políticos com os sistemas partidários: classificá-los como *outsiders (de fora)* ou *insiders (de dentro)*, dependendo de sua origem vis-à-vis o sistema partidário, e como antipartido ou tolerante a partidos, dependendo de seu discurso sobre o sistema partidário. Dessa forma, *outsiders* seriam aqueles líderes que ganharam proeminência fora do sistema partidário nacional, enquanto *insiders* seriam aqueles que ganharam destaque dentro do sistema partidário, mesmo que posteriormente tenham rompido com seus antigos partidos e criado novos.

Em relação ao discurso, Kenney considera como antipartidos aqueles líderes que rejeitam os partidos estabelecidos e a política partidária, e como tolerante a partidos aqueles que reconhecem os partidos como organizações essenciais à política democrática. A partir dessas classificações, Kenney identificou quatro categorias diferentes de agentes: 1) *outsider* e antipartido; 2) *outsider* e tolerante a partidos; 3) *insider* e antipartido; e 4) *insider* e tolerante a partidos.

Da mesma forma, Barr (2009), diante da indiferenciação conceitual de três fenômenos que costumeiramente são tratados nos estudos de forma conjunta (*outsiders* na política, populismo e políticos *anti-establishment*), propôs novas ferramentas analíticas para diferenciar os três fenômenos, baseado em três fatores-chaves: os *apelos* utilizados pelos atores para construir apoio, a *localização* dos atores políticos com relação ao sistema partidário e os *vínculos* entre cidadãos e políticos.

Para Barr, os *outsiders* devem ser assim caracterizados a partir da localização deles *vis-à-vis* o sistema partidário. Desse modo, se um político tradicional (*insider*) é aquele que ganha proeminência dentro dos partidos estabelecidos e competitivos, e ajuda a manter o sistema político, um *outsider* é alguém que ganha proeminência fora desses partidos, ou como político independente, ou em associação com partidos novos, ou, ainda, com partidos que só se tornaram competitivos recentemente. Nesse sentido, partidos pequenos e não-competitivos, mesmo que antigos, não são considerados como parte do sistema partidário estabelecido.

Uma complicação derivada dessa classificação dual (*insider-outsider*) de Barr diz respeito a políticos que abandonam seus partidos tradicionais de origem para formar um novo. Para compreender esse comportamento político, Barr oferece uma categoria intermediária, reconhecendo como *rebelde* (*Maverick*) aquele político que cresce em um partido tradicional, mas o deixa para se filiar ou fundar outro, novo, e concorrer às eleições por ele; ou, ainda, aquele que não sai do partido, mas faz nele uma reestruturação radical.

Exemplos desse tipo de *outsiders rebeldes* são Jair Bolsonaro, no Brasil, e Andrés Manuel López Obrador, no México, eleitos em 2018. Em ambos os casos, não se trata de políticos sem experiência, mas do curioso movimento de se elegerem por partidos sem relevância no sistema partidário de seus países. Bolsonaro era um político com longa experiência parlamentar, mas que nunca ocupou qualquer posição de relevância na Câmara dos Deputados. Ele se filiou a um partido marginal ao sistema político, o PSL, apenas visando sua eleição ao cargo de Presidente em 2018. López Obrador também era um indivíduo com longa carreira política, que rompeu com seu antigo partido (PRD) e fundou, em 2014, um novo partido, o *Movimiento Regeneración Nacional* (MORENA), pelo qual se elegeu a Presidente pela primeira vez em 2018. Ambos derrotaram candidatos dos partidos tradicionais do sistema, o PT e o PSDB no Brasil, e, no México, foi a primeira vez que um candidato do PAN ou do PRI não venceu as eleições presidenciais desde os anos 1990.

A definição do *outsider* e do *maverick* reside exclusivamente na sua localização no sistema partidário. Não tem, portanto, relação com o tipo de discurso usado pelo candidato. É comum, no entanto, que *outsiders* e *mavericks*, pela posição que ocupam no sistema partidário, usem como apelo eleitoral um discurso *anti-establishment*. Para Barr, o político *anti-establishment* é aquele que, para conquistar eleitores, diz que a elite política não representa verdadeiramente os interesses do povo e se coloca como alternativa para melhor representá-lo. No entanto, o uso desse tipo de discurso não depende da localização do ator no sistema partidário: embora ele tenha mais apelo quando é proferido por alguém que está fora da classe política (*outsider*), ou que rompeu com ela (*maverick*), ele também pode ser utilizado por atores de dentro do sistema político (*insiders*) que conseguem convencer seu eleitorado de que não fazem parte da elite política, como Collor de Mello no Brasil em 1989.

Carreras (2012), ao tratar do tema de *outsiders* em eleições presidenciais na América Latina, a exemplo de Barr, montou sua tipologia baseado apenas nas

origens partidárias e políticas dos candidatos. A finalidade da classificação foi mostrar quão fora do sistema político cada tipo de *outsider* está.

A tipologia de Carreras admite três tipos de *outsiders*: 1) amadores: são políticos com pouca ou nenhuma experiência que competem eleitoralmente por partidos tradicionais; 2) *mavericks* (rebeldes): são políticos que já pertenceram a partidos do sistema, mas decidiram concorrer eleitoralmente por partidos novos; e 3) *full outsiders*: são políticos que não têm uma carreira política prévia e competem em eleições presidenciais por um partido recém-criado. Por fim, o *insider* é aquele político que não cabe na definição de *outsider*, pois já acumula experiência política e faz parte de um partido consolidado, ou seja, é o político tradicional.

Após essa breve apresentação dos principais artigos que tratam de *outsiders* na política, expomos uma revisão de escopo com o objetivo de mapear o estado atual das pesquisas sobre o tema e responder às nossas questões de pesquisa.

III. Metodologia para a seleção dos documentos da revisão

Para encontrar estudos que auxiliassem na tarefa de analisar o fenômeno dos *outsiders* na política, optamos pela revisão de escopo. De acordo com [Arksey & O'Malley \(2005\)](#), dentre os vários tipos de revisões bibliográficas, as de escopo são mais adequadas para examinar a extensão, o alcance e a natureza da atividade de pesquisa sobre determinado assunto, resumir e disseminar achados de pesquisa e identificar lacunas na literatura existente. Para realizar a revisão, primeiramente foram feitas pesquisas sobre “políticos *outsiders*” nas bases Scopus Elsevier e Web of Science. A busca foi realizada em maio de 2021 e procurou somente artigos ou *papers* sobre o tema.

Para a busca nas bases foi utilizado o termo “*outsiders*”, adicionalmente o termo “*politics*” e suas variações, e ainda o termo “*establishment*” e suas variações. Após alguns testes, verificou-se a necessidade de adicionar à *string* alguns termos que estavam enviesando a busca, com a finalidade de excluí-los dos resultados, como os termos “*immigrants*” e “*refugees*”.

Assim, a *string* utilizada no levantamento da literatura na base Scopus foi a seguinte:

```
(( TITLE-ABS-KEY ( politic* AND outsiders AND *establish* ) AND NOT TITLE-ABS-KEY ( *migrant* OR refugees OR labor OR market ) ) ) AND ( SUBJMAIN ( 3312 ) OR SUBJMAIN ( 3320 ) ).
```

Na *string* utilizada Web of Science, os resultados foram refinados por categorias da própria base: *Political Science* ou *International Relations* ou *Sociology* ou *Social Sciences Interdisciplinary*, e por tipos de documento: *article* ou *proceedings paper*.

```
TÓPICO: ((politic* AND outsiders AND *establish*) NOT(*migrant* OR refugee OR market OR labor))
```

Na base Scopus, a *string* escolhida obteve 75 resultados, e na base Web of Science, 56 documentos. Removidas as duplicatas, restaram 97 artigos. A seleção manual foi feita conforme os critérios do [Quadro 1](#). A seleção dos 22 textos que permaneceram na revisão final foi feita pela autora deste trabalho a partir da leitura dos resumos dos 97 artigos. O método de seleção principal foi a exclusão daqueles artigos que não se relacionavam ao tema de atores *out-*

Quadro 1 - Critério para a seleção dos textos de interesse na Scopus e Web of Science

Critério	Inclusão	Exclusão
1ª fase Scopus e Web of Science. Temático	Textos que investigavam contextos políticos em que líderes ou partidos <i>outsiders</i> ascenderam ao poder ou ganharam notoriedade; Textos que investigavam aspectos diversos de líderes considerados <i>outsiders</i> : sua eleição, seu discurso, seu governo etc.	Textos que discutiam relação entre países emergentes (<i>outsiders</i>) e países ricos (<i>insiders</i>) no contexto de grupos como o G20 e o BRICS; Relação (conflituosa ou não) dentro de um território específico (comunidade, cidade ou clube) entre nativos e forasteiros.
2ª fase Redalyc, SciELO Brasil e Google Scholar. Temático	Textos que ofereciam um debate para a definição do termo <i>outsider</i> político;	Textos que tratavam sobre outros tipos de <i>outsiders</i> que não o político. Textos empíricos sobre líderes considerados <i>outsiders</i> , mas sem que houvesse um debate sobre o conceito. Textos que traziam definições de outros autores, ou uma definição imprecisa de <i>outsiders</i> políticos.

Nota: *na primeira fase da pesquisa alguns autores definiram *outsiders* como “mulheres”, por exemplo. Na segunda fase, esse tipo de definição apareceu em pelo menos mais um artigo, mais focado na entrada de mulheres na política do que no conceito de *outsiders*. Consideramos essa uma definição imprecisa. Outro exemplo, são definições de *outsiders* como pessoas “excluídas da política”, o que não explica o motivo da exclusão, nem o que a caracteriza.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

siders na política, mas que ainda assim foram filtrados pelas *strings*. Os documentos selecionados são trabalhos que, de alguma forma, abordam o tema dos *outsiders* na política institucional.

Após a leitura desses 22 artigos, concluiu-se que o conjunto de estudos encontrados apresenta duas lacunas: poucas definições conceituais sobre *outsiders* na política - apenas 35% dos textos propuseram uma definição clara -, e poucos estudos sobre *outsiders* no âmbito do poder Legislativo. Assim, em novembro de 2021, novas buscas foram empreendidas em outras plataformas indexadoras, desta vez nas bases SciELO (coleção Brasil), Redalyc e Google Scholar. O foco da nova rodada de buscas foi encontrar textos que, além de abordar políticos *outsiders*, oferecessem alguma definição ou discussão sobre o conceito.

As novas bases utilizadas não possuíam recursos tão avançados de busca como as anteriores, o que nos obrigou a utilizar *strings* mais simples e que, conseqüentemente, apresentaram resultados menos refinados e mais numerosos. Nas buscas na SciELO Brasil e Redalyc, apenas o termo “*outsiders*” foi utilizado. Na primeira base foram encontrados 22 artigos, mas nenhum que abordasse o fenômeno.

Na base Redalyc, 942 artigos foram encontrados através da *string* “*outsider* OR *outsiders*”, filtrados pela disciplina “política”. Os primeiros 100 resultados foram considerados e, após a leitura dos títulos e resumos, apenas dois documentos foram selecionados. Removidas as duplicatas, somente um novo artigo foi adicionado, somando, então, 23 documentos.

Na base Google Scholar, a *string* “*party* AND *outsiders*” foi utilizada, resultando em muitos milhares de artigos (543.000). Os primeiros 100 resultados foram considerados e examinados conforme os critérios de inclusão e exclusão (Quadro 1). Após a leitura do título e resumo desses documentos, 14 foram selecionados e, excluídas as duplicatas, restaram 10 artigos. Depois de analisar a Introdução desses 10 artigos, apenas quatro foram selecionados para a leitura integral. Nessa fase, não se demonstrou adequado selecionar os textos apenas com base na leitura dos resumos, pois nem sempre ficou claro se

haveria um debate sobre o conceito de político *outsider* no desenvolvimento do texto.

Ainda, artigos relevantes foram encontrados em outras fontes, como nas referências bibliográficas de Carreras (2012), e a partir de buscas mais específicas no Google Scholar com *strings* que não se mostraram eficazes para uma revisão de escopo, mas que eventualmente pinçaram artigos interessantes. Após a leitura de todo o texto de alguns artigos encontrados usando esse método, três foram selecionados por apresentarem conteúdo imprescindível para os objetivos desta revisão.

Resumindo, na primeira e mais abrangente fase da pesquisa, 22 artigos das bases Scopus e Web of Science foram escolhidos para compor a revisão de escopo. Na segunda fase, mais específica, oito artigos foram escolhidos: um da base Redalyc e quatro do Google Scholar. Foram somados a esses 27 artigos os três encontrados em outras fontes, somando, assim, 30 documentos no total.

A Figura 1 mostra o fluxo de identificação, triagem e inclusão dos textos que compõe a revisão.

Finalmente, os textos escolhidos foram analisados tendo como base uma ficha de leitura cujo objetivo foi identificar pontos específicos dos textos e auxiliar na tarefa de destacar e agrupar as principais características dos estudos observados. As questões da ficha serão apresentadas na próxima seção.

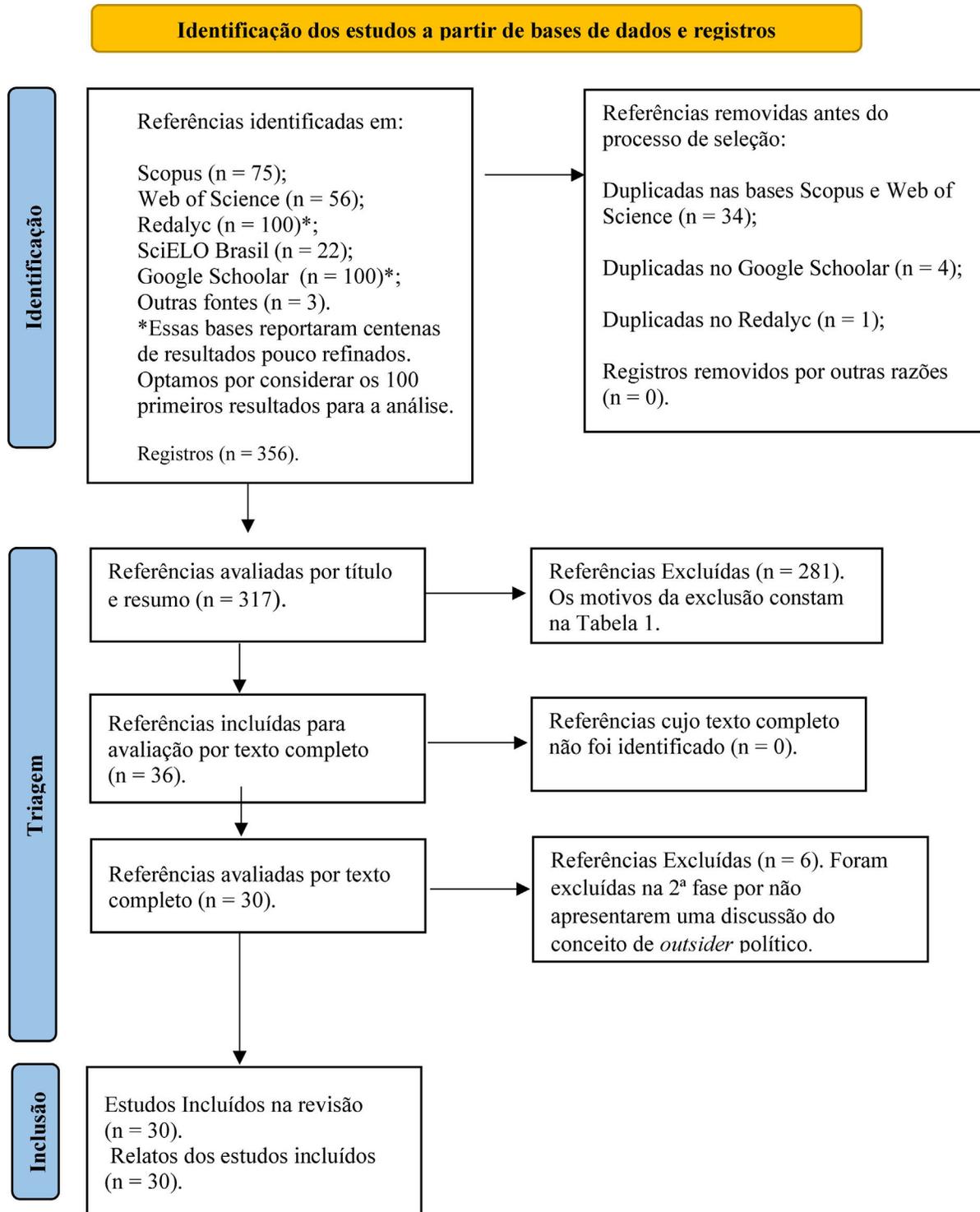
IV. Resultados

Os resultados da pesquisa foram organizados em uma série de Quadros. O objetivo foi sintetizar cada artigo destacando o foco de análise, a abrangência e o período estudado, bem como alguns aspectos metodológicos e os principais achados.

Os Quadros mostram a variedade de abordagens metodológicas e temáticas dos estudos sobre *outsiders* na política. A chegada de *outsiders* à presidência de seus países, por exemplo, é explorada tanto a partir do contexto político, como a partir da retórica dos candidatos, ou em função do comportamento do eleitorado. Os casos da América Latina e da Indonésia mostram que a ascensão de *outsiders* envolveu questões como declínio econômico, crise de confiança nos partidos e nas instituições e personalismo dos líderes. No caso dos EUA, a retórica de Trump e a identificação de parte do eleitorado com seu discurso, bem como a rejeição do *establishment* político, foram os aspectos mais abordados.

Os estudos sobre a Europa, por sua vez, tendem a enfatizar mais as características dos partidos, a retórica dos atores e o comportamento do eleitorado. A Itália se destaca nesse cenário. Os artigos sobre o país abordam a sequência de acontecimentos que culminaram na reforma eleitoral italiana de 1993, resultado de um longo e persistente processo de mobilização em torno do tema, que acabou por enfraquecer o *establishment* político e alavancar partidos *outsiders* (Donovan, 1995). Os partidos de centro-direita, principalmente *Lega Nord* e *Forza Itália*, protagonizaram um longo período de hegemonia, mas que acabou com a renúncia de Berlusconi em 2011. O legado da abordagem anti-política desses partidos permitiu que novos movimentos populistas emergissem e redirecionassem a crítica contra os próprios partidos de centro-direita que estavam envolvidos em casos de corrupção (Fella & Ruzza, 2013). O populismo do movimento político *Cinque Stelle* (M5S) e seu impacto no sis-

Figura 1 - Fluxograma PRISMA



Fonte: elaborado pela autora com base em adaptação do PRISMA-2020, 2023.

tema partidário são analisados à luz da tradição populista na cultura política italiana, juntamente com o constante apelo da liderança carismática. O M5S ganhou destaque mundial por suas características peculiares: a velocidade com que conquistou cadeiras no parlamento, as inovações tecnológicas da organização, a atuação dos principais líderes, Beppe Grillo e Gianroberto Casaleg-

gio, a dinâmica da organização e o seu caráter *anti-establishment* e parapartidário (Tronconi, 2018).

Os Quadros 2, 3, 4, 5, 6 e 7 apresentam informações sintetizadas sobre cada artigo. Eles foram organizados a partir do foco da análise dos estudos. Os artigos podem focar apenas nas instituições, nos contextos histórico-políticos, nos partidos, no comportamento do eleitorado, nas retóricas dos atores, no perfil de elites políticas e, por fim, em estratégias conceituais (quando os textos discutem a noção de *outsider*).

O Quadro 2 trata de desenhos institucionais que podem propiciar o surgimento de líderes *outsiders* e do impacto institucional que a eleição de *outsiders* pode causar na relação executivo-legislativo.

Adicionalmente, apresenta artigos sobre o contexto político e/ou econômico que propiciou a ascensão de líderes *outsiders* à presidência de seu país. A maioria são estudos de caso sobre países da América Latina. Um deles é sobre os Estados Unidos da América e outro sobre a Indonésia. São estudos muito particulares e contextuais, é difícil sistematizar um resultado a partir deles.

O Quadro 3 é formado exclusivamente de estudos sobre partidos europeus dos anos 1990 até 2017, evidenciando, assim, a importância do fenômeno do surgimento de novos partidos com discurso *anti-establishment* na Europa. A gama de estilos dos estudos é variada, há estudos comparados, de caso, descritivo e agregado. A maioria deles foca na retórica adotada pelos novos partidos, mas versam também sobre outras estratégias usadas por eles para ganhar adeptos e votos. O processo de passagem desses partidos da posição de protesto às coalizões de governo também é abordado. Apenas um dos estudos, sobre a França, discute as estratégias dos partidos tradicionais, e não dos *outsiders*, e aponta como uma estratégia errada propiciou o cenário para o surgimento de um líder *outsider*, Emmanuel Macron, eleito presidente em 2017.

O Quadro 4 possui um grupo diversificado de estudos que tratam de países da Europa e da América Latina. A maioria é de estudos comparados entre vários países. A gama de atores analisados também é ampla. Seus achados, no entanto, vão na mesma direção ao associarem o surgimento de líderes *outsiders* ou populistas à baixa confiança do eleitorado nas instituições políticas. Um deles também associa a abundância de candidatos novatos em eleições presidenciais com a polarização do eleitorado.

O Quadro 5 traz os estudos que focaram no discurso dos atores políticos. A retórica de Donald Trump foi tratada em três dos seis artigos analisados e foi considerada muito eficaz na comunicação com o eleitorado, não só pelo conteúdo *anti-establishment* político, mas também pela ausência de formalidade. Os partidos e líderes italianos também ganharam proeminência nesse tema, lá há um longo histórico e diversos exemplos de partidos novos e antigos que adotaram a retórica *anti-establishment* político. Alguns desses estudos sobre a Itália mostraram como partidos e líderes que já foram *outsiders* tentaram manter essa pecha mesmo quando há anos já faziam parte de coalizões governamentais com partidos tradicionais e eram confrontados a adotar o mesmo modo *modus operandi* deles.

O Quadro 6 destaca o grupo de estudos de maior relevância para esta pesquisa. Esses estudos se concentraram na elaboração de estratégias para conceituar de forma apropriada uma variedade de atores políticos que compartilham certas características, mas que muitos autores frequentemente generalizam como "homogêneos", quando, na realidade, apresentam distinções significativas entre eles. Schedler fez um esforço para diferenciar partidos *anti-estab-*

Quadro 2 - Síntese do conteúdo dos artigos selecionados com foco em Instituições e em contextos histórico-políticos

Autor	Foco da análise	Localização	Período	Atores outsiders	Como foram caracterizados	Método	Principal achado
(Donovan, 1995)	Instituições	Itália	1990-1993	<i>Lega Nord</i> e <i>Forza Italia</i>	Movimentos ou partidos que se formaram rapidamente no pouco tempo antes das reformas eleitorais de 1993 e conseguiram conquistar um número significativo de cadeiras nas eleições seguintes	Estudo de caso	A reforma eleitoral italiana de 1993 enfraqueceu o <i>establishment</i> político e alavancou partidos <i>outsiders</i> .
(Carreras, 2012)	Instituições	14 países da América Latina	1980-2010	32 candidatos à Presidência na América Latina considerados <i>full outsiders</i>	Candidatos à presidência sem experiência política concorrendo por um partido não-tradicional.	Estudo comparado	Além de fatores econômicos, desenhos institucionais também impactam o sucesso de candidatos <i>outsiders</i> .
(Carreras, 2014)	Instituições	América Latina	1980-2010	Lucio Gutiérrez (PSP); Rafael Correa (<i>Alianza País</i>); Violeta Chamorro (UNO); Fernando Lugo (APC); Alberto Fujimori (Cambio 90); Alejandro Toledo (<i>Perú Posible</i>) e Hugo Chávez (MVR).	Presidentes que tinham menos de dois anos de experiência política antes da eleição, combinando liderança executiva, legislativa e partidária, ou que eram candidatos concorrendo por partidos novos, marginais ou movimentos políticos independentes dos partidos consolidados.	Estudo comparado	O risco de conflito executivo-legislativo aumenta significativamente quando o presidente é um <i>outsider</i> .
(Silva, 2013)	contextos histórico-políticos	Bolívia	2002-2010	Evo Morales	Candidato eleito por um novo partido (MAS-IPSP) de mobilização de massas, em um contexto de colapso do sistema partidário estabelecido da Bolívia.	Estudo de caso	O partido do presidente dissociou sua agenda da dos movimentos sociais em seu segundo mandato.
(Aspinall, 2015)	contextos histórico-políticos	Indonésia	2004-2014	Prabowo Subianto	Um candidato à eleição presidencial, general militar com fortes ligações com a elite política e econômica do país, com forte apelo populista, sem experiência eleitoral, e que fundou seu próprio partido para concorrer, o <i>Partai Gerindra</i> (<i>Great Indonesia Movement party</i>).	Estudo de caso	Analisa os fundamentos ideológicos e materiais de Prabowo e suas implicações para a democracia do país.
(Wilpert, 2007)	contextos histórico-políticos	Venezuela	1958-2006	Hugo Chavez	Candidato com discurso populista, eleito por um partido novo (MQR), marginal ao sistema político tradicional	Estudo de caso	O sucesso de Chavez se deve à crise dos preços do petróleo, pois levou o país a um profundo declínio eco-

(continua)

Quadro 2 – Continuação

Autor	Foco da análise	Localização	Período	Atores <i>outsiders</i>	Como foram caracterizados	Método	Principal achado
(Luke, 2017)	contextos histórico-políticos	EUA	1912 e 2016	Donald Trump e Woodrow Wilson	<p>nal, em um contexto de profunda crise econômica, social e política.</p> <p>Um líder nacionalista-populista, com tendência autoritárias e plutocráticas, que chegou ao poder criticando as elites políticas e os especialistas dos altos escalões governamentais.</p>	Estudo comparado	<p>nômico e, consigo, a classe política estabelecida.</p> <p>Traça um paralelo entre o contexto social e político das eleições de dois <i>outsiders</i> nos EUA: Woodrow Wilson em 1912 e a da Donald Trump, em 2016.</p>
(Fergusson et al., 2021)	contextos histórico-políticos	Colômbia	1988-2015	Partidos de esquerda em eleições municipais	<p>Grupos políticos da ala de esquerda, que tradicionalmente foram excluídos da participação político-eleitoral, em um país dominado por elites nacionais da ala da direita, dos partidos Conservador e Liberal.</p>	Estudo de caso; qualitativo	<p>Há um aumento de eventos violentos por grupos paramilitares de direita no ano imediatamente posterior à eleição de <i>outsiders</i> de esquerda.</p>

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Quadro 3 - Síntese do conteúdo dos artigos selecionados com foco em partidos

Autor	Foco da análise	Localização	Período	Atores outsiders	Como foram caracterizados	Método	Principal achado
(McDonnell & Newell, 2011)	Partidos	Países da Europa Oriental	1996-2015	RC - <i>Communist Refoundation</i> na Itália; FPO - <i>Freedom Party</i> na Áustria	Partidos que devido à natureza de sua ideologia, retórica e posições sobre a participação do governo, se colocam ou são colocados por outros, 'fora' da esfera de poder dos partidos, inviáveis para uma coalizão de governo.	Estudo agregado	Discute os problemas e os dilemas que os partidos <i>outsiders</i> enfrentam ao adentrar em uma coalizção de governo.
(Van Kessel, 2012)	Partidos	Holanda, Polónia e Reino Unido	2002-2012	<i>List Pim Fortuyn e Freedom Party</i> (Holanda); <i>Civic Platform, Law and Justice, self-defense e League of the Polish families</i> (Polónia); <i>UK Independence Party e British National Party</i> (Reino Unido)	Partidos políticos que se formaram nos anos 1990-2000, com forte discurso populista, e que obtiveram rápidos sucessos eleitorais, com exceção dos partidos do Reino Unido.	Estudo comparado	O sucesso dos partidos populistas depende de sua capacidade de responderam à demandas eleitorais que não eram ouvidas pelos partidos estabelecidos.
(Hartleb, 2015)	Partidos	Europa	1990-2014	<i>Syriza</i> (Grécia); <i>Podemos</i> (Espanha); <i>Movimento Cinque Stelle</i> (Itália); <i>The Progress Party; The Finns Party</i> (Finlândia); <i>Front National</i> (França); <i>Dutch Party for Freedom</i> (Holanda); <i>Fremskrittspartiet</i> - Noruega; <i>The Swiss People's Party</i> (Suíça); <i>Freedom Party of Austria</i> (Austria); <i>Ordinary People and Independent Personalitie</i> (Eslováquia); <i>UKIP</i> (Reino Unido); <i>Palikot's Movement</i> (Polónia).	Novos partidos surgidos na Europa a partir dos anos 1990, com forte apelo de crítica aos partidos tradicionais, à classe política, às decisões da União Europeia etc.; partidos radicais de direita ou de esquerda; partidos populistas. Partidos de protesto	Estudo descritivo	Os partidos <i>anti-establishment</i> em crescimento na Europa têm agências e estratégias semelhantes, independentemente de seu alinhamento à esquerda ou à direita.
(Mény, 2017)	Partidos	França	2016-2017	Emmanuel Macron	Candidato sem experiência eleitoral, que ganhou as eleições concorrendo por um partido novo (<i>En Marche!</i>), com discurso populista.	Estudo de caso	A introdução das "primárias americanas" nos principais partidos políticos da França teve consequências não pretendidas e culminaram ajudando a eleição de Macron.
(Tronconi, 2018)	Partidos	Itália	2005-2017	Movimento <i>Cinque Stelle</i>	Um movimento político <i>anti-establishment</i> , organizado na internet através de um blog e de fóruns	Estudo de caso	Mostra o impacto que o sucesso de votos do Movimento <i>Cinque Stelle</i> (M5S) causou nos sistemas eleitoral e parti-

(continua)

Quadro 3 - Continuação

Autor	Localização	Período	Atores <i>outsiders</i>	Como foram caracterizados	Método	Principal achado
				online, que em poucos anos cresceu a ponto de eleger candidatos em nível municipal, nacional e europeu. Ainda assim não se reconhece como partido, e seus representantes são obrigados a continuar agindo como atores <i>anti-establishment</i> .		dário italiano, e também os dilemas da adaptação do movimento à política institucional

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Quadro 4 - Síntese do conteúdo dos artigos selecionados com foco em comportamento do eleitorado

Autor	Foco da análise	Localização	Período	Atores <i>outsiders</i>	Como foram caracterizados	Método	Principal achado
(Freschi & Mete, 2020)	Comportamento do eleitorado	Itália	1997-2017	Mulheres; candidatos à frente de listas cívicas; aqueles que lideram coalizões posicionadas nos extremos do eixo esquerda/direita.	Candidatos que se apresentam como desafiantes do <i>establishment</i> .	Estudo de caso; quantitativo	Candidatos que se apresentam como <i>outsiders</i> são os que obtêm mais votos personalizados nas eleições municipais.
(Petrarca et al., 2022)	Comportamento do eleitorado	30 países europeus	1998-2018	Partidos radicais e populistas	Usa a mesma definição de McDonnell & Newell, 2011 (já mencionada).	Estudo comparado; quantitativo	Mostra que quando a confiança política é baixa, especialmente a confiança institucional, os partidos estabelecidos recebem menos apoio eleitoral.
(Corrales, 2008)	Comportamento do eleitorado	21 países da América Latina e 10 países da Europa	1988-2006	Vargas Llosa e Fujimori em 1990, Toledo em 2000, e Humala em 2006 (Peru); Chávez em 1998 (Venezuela); Carrió em 2001 (Argentina); Elhers em 1996, Gutiérrez em 2002, e Correa em 2006 (Equador); e Morales em 2002 (Bolívia), etc.	Candidatos à presidência novatos que conquistaram mais de 10% dos votos	Estudo comparativo	A abundância de ex-presidentes e novatos nas eleições acelera a desinstitucionalização e polariza o eleitorado.
(Doyle, 2011)	Comportamento do eleitorado	18 países da América Latina	1996-2006	Presidentes neopopulistas de países da América Latina	Líderes políticos que se elegem por partidos novos ou pequenos utilizando o discurso antielite política	Estudo comparado; quantitativo	Países em que há menos confiança nas instituições políticas são mais propensos a votarem em líderes populistas.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Quadro 5 - Síntese do conteúdo dos artigos selecionados com foco na retórica dos atores políticos

Autor	Foco da análise	Localização	Período	Atores outsiders	Como foram caracterizados	Método	Principal achado
(Fella & Ruzza, 2013)	Retórica de atores políticos	Itália	1993-2012	<i>Lega Nord, Forza Italia, PDL (Popolo della Libertà), FLI (Futuro e Libertà per l'Italia), M5S (Cinque Stelle)</i>	Diversos movimentos políticos que se tornaram novos partidos e obtiveram sucesso nas eleições nacionais e locais da Itália. Todos populistas e <i>anti-establishment</i> , embora tenham conteúdos ideológicos diferentes.	Estudo de caso	A ascensão da coalizão italiana de centro-direita de 1990 pavimentou o caminho para o surgimento de novos movimentos populistas nos anos 2000.
(Kellner, 2017)	Retórica de atores políticos	EUA	2016-2017	Donald Trump	Um líder populista, nacionalista, <i>anti-establishment</i> , que se apresentou como <i>outsider</i> , e desprezava seu partido e as tradições dele.	Estudo de caso	O discurso <i>anti-establishment</i> de Trump cativou o e fidelizou muitas parcelas da sociedade americana, culminando em sua eleição em 2016.
(Perottino & Guasti, 2020)	Retórica de atores políticos	França	2016-2019	Emmanuel Macron	Um líder moderado, sem experiência eleitoral, populista e tecnocrático, desafiante das elites políticas estabelecidas, e que para chegar ao poder fundou um movimento político que se tornou um novo partido político, o <i>Le République en Marche!</i>	Estudo de caso	O sucesso eleitoral de Macron se deveu principalmente ao seu discurso <i>anti-establishment</i> e o apelo à sua capacidade tecnocrática.
(Moon, 2020)	Retórica de atores políticos	EUA	1999 a 2016	Donald Trump e Jesse Ventura	Atores políticos advindos do universo do entretenimento, que transportaram seu estilo "rude e falastrão" dessa esfera para a esfera política, e incorporaram o discurso <i>anti-establishment</i> e se colocam como políticos de protestos.	Estudo comparado	Os candidatos conseguiram se comunicar de forma efetiva com parcelas do eleitorado ao se contraporem ao comportamento formal e sóbrio dos políticos do <i>establishment</i> .
(Muravchik & Shields, 2019)	Retórica de atores políticos	EUA	2015-2016	Donald Trump	Um líder <i>outsider</i> e <i>anti-establishment</i> , descarado e nepotista, com uma visão "velha" da política centrada na figura do chefe político, semelhante à compreensão política de comunidades dos EUA vinculadas às origens do partido Democrata	Estudo comparado	Certas comunidades apoiaram Trump por se identificarem culturalmente com seu estilo e comportamento peculiar.
(Ceron et al., 2021)	Retórica de atores políticos	Itália, Áustria, Suíça e Espanha	2016-2018	Luigi Di Maio (M5S, Itália), Pablo Iglesias (Podemos, Espanha), Matteo Salvini (LN, Itália), e Heinz-Christian Strache (FPÖ, Áustria)	Não os caracteriza como <i>outsiders</i> , mas como líderes políticos populistas e <i>anti-establishment</i>	Estudo comparado	Os líderes populistas considerados de esquerda ou centro-esquerda tendem a amenizar seus discursos quando chegam ao poder, enquanto os líderes de direita tendem a mantê-los.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Quadro 6 - Síntese do conteúdo dos artigos selecionados com foco em estratégias conceituais

Autor	Foco da análise	Localização	Período	Atores <i>outsiders</i>	Como foram caracterizados	Método	Principal achado
(Schedler, 1996)	Estratégias conceituais	Europa	1980-1993	Frente Nacional (França); <i>Republikaner</i> (Alemanha); <i>Legen Nord</i> (Itália); <i>Freedom Movement</i> (Áustria); <i>Reform Party</i> (Canadá); <i>United We Stand America</i> (EUA); Fernando Collor (Brasil); Alberto Fujimori (Peru); Rafael Caldera (Venezuela)	Partidos que se contrapõem aos partidos do <i>establishment</i>	Estudo agregado	Apresenta a taxonomia adequada para conceituar como partidos <i>anti-establishment</i> e a diferença deles para os antissistemas e antipolítica.
(Kenney, 1998)	Estratégias conceituais	Peru	1995	Parte dos Deputados peruanos eleitos em 1990	Legisladores peruanos que nunca pertenceram ou mantiveram gabinete de qualquer partido político que fazia parte do sistema partidário existente a partir de 1978 a 1990.	Estudo de caso	Propõe maior rigor na classificação desses fenômenos distinguindo 4 tipos: 1) <i>outsider</i> e antipartido; 2) <i>outsider</i> e tolerante à partidos; 3) <i>insider</i> e antipartido; e 4) <i>insider</i> e tolerante à partidos.
(Andrés, 2016)	Estratégias conceituais	Não se aplica	1885-2015	Diversos exemplos: escritores, artistas, apresentadores de tv, advogados, juizes, militares, atletas, atores, cantores, militantes economistas e outros profissionais que ocuparam cargos políticos	Pessoas com carreiras em outra área profissional que assumiram cargos políticos eletivos e da alta administração.	Estudo descritivo	Faz um robusto levantamento das diferentes definições de <i>outsiders</i> políticos e suas origens, bem como, apresenta uma série de exemplos empíricos.
(Barr, 2009)	estratégias conceituais	Não se aplica	Não se aplica	Partido Libertário	Partido político dos EUA que embora seja antigo, não possui relevância no sistema eleitoral do país	Elaboração de tipologia	Oferece novas ferramentas analíticas para distinguir três fenômenos políticos: (1) apelos usados pelos atores; (2) localização deles vis a vis o sistema partidário; e as (3) conexões com seu eleitorado

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

ishment dos antissistemas e dos antipolítica. Andrés demonstrou as diversas formas como o termo *outsider* é usado, e citou grande número de exemplos de cada tipo considerado *outsider*. As obras de Barr & Kenney já foram discutidas anteriormente neste artigo.

Por fim, o [Quadro 7](#) mostra os estudos focados no perfil das elites políticas. Todos eles trataram de casos na América Latina. Carreras mostrou como um presidente *outsider* compõe um gabinete ministerial com mais quadros técnicos e independentes de partidos. Os demais trataram de membros do parlamento e demonstraram que há uma pequena mudança no perfil das elites políticas com a entrada de *outsiders* no Legislativo.

Todos os Quadros contêm muitos exemplos de atores políticos que são tratados empiricamente como *outsiders*, tanto líderes como partidos. É possível perceber que na maioria dos casos não há uma preocupação em embasar a caracterização de *outsider*. Em geral, os textos simplesmente assim rotularam os líderes e partidos políticos, descreveram aspectos de suas lideranças, principalmente a retórica utilizada por eles (*anti-establishment*) e a suas habilidades de organizar novos movimentos e partidos políticos que se contrapõem aos tradicionais e obtêm sucesso nas eleições.

Como um dos objetivos desta revisão é encontrar uma base comum para a definição de *outsiders* políticos, apresentamos no [Quadro 8](#) as definições conceituais encontradas nos artigos selecionados.

Dentre os 30 textos selecionados, apenas 13 apresentaram definições de *outsiders*. Na seção seguinte discutiremos com mais detalhe as definições predominantes. Em geral, elas giram em torno da relação do agente com o sistema partidário e da experiência profissional na política. Algumas exceções são encontradas, como Freschi & Mete (2020), que consideraram *outsiders* as candidatas mulheres e aqueles que sempre perdem eleições. Andrés (2016) oferece vários tipos de definições possíveis, entre elas o “azarão” de uma disputa eleitoral, aquele candidato que ninguém acredita que tem potencial de ganhar. Essa definição é interessante, pois por vezes candidatos *insiders* são definidos como *outsiders* somente por serem o “azarão” da disputa.

O restante dos estudos trouxe o tema dos *outsiders* políticos de alguma forma, mas se ocupou de discutir outros conceitos ou contextos que não a caracterização de *outsiders*. No [Quadros 2 a 7](#) é possível visualizar que todos os artigos chamaram certos atores de *outsiders*, embora não tenham apresentado propriamente uma definição para o termo.

No [Quadro 9](#), apresentamos os resultados da tabulação das fichas utilizadas para guiar as leituras dos textos. A partir delas foi possível identificar os assuntos que são tratados conjuntamente com o tema *outsiders* na política.

A partir da tabulação das fichas de leituras, percebemos que grande parte dos textos são estudos de caso (47%) que têm como tema principal um líder específico que disputou eleições presidenciais (53%). Já as eleições para o parlamento são pouco enfatizadas nessas pesquisas, somando apenas 30% dos casos. Outro achado importante é que, curiosamente, poucos textos analisados apresentam o tema de políticos *outsiders* como o principal, já que apenas 33% deles o fazem. Aparentemente, esse fenômeno dos políticos *outsiders* é tratado em conjunto com outros temas, principalmente a ascensão de líderes e partidos *anti-establishment* e/ou populistas (37% e 40%), ou a associação desses líderes a movimentos sociais, cívicos ou políticos de contestação (40%).

Quadro 7 - Síntese do conteúdo dos artigos selecionados com foco em perfil de elites políticas

Autor	Foco da análise	Localização	Período	Atores <i>outsiders</i>	Como foram caracterizados	Método	Principal achado
(Carreras, 2013)	Perfil de elites políticas	Peru	1980-1995	Alberto Fujimori	Candidato sem experiência política, concorrendo por um partido novo (cambio 90), que se elegeu em meio à forte crise econômica e sociopolítica.	Estudo de caso	Presidentes <i>outsiders</i> tendem a nomear ministros técnicos e independentes devido à sua inabilidade de negociar a formação de gabinete com outras forças políticas como os partidos.
(Donatello & Levita, 2017)	Perfil de elites políticas	Países do Mercosul	2005-2013	Deputados de países do Mercosul	Aqueles que iniciaram a carreira fora dos partidos políticos e que, ao mesmo tempo, exerciam funções fora da política como principal atividade profissional antes de assumirem a sua cadeira	Estudo empírico amostral	Há uma mudança no perfil das elites políticas, mas que não reflete uma mudança no perfil das elites em geral.
(Ortiz de Rozas et al., 2020)	Perfil de elites políticas	Argentina	2011-2019	Deputados ou senadores sem nenhuma experiência política anterior	Nenhum exemplo foi citado. Parlamentares eleitos ao nível nacional que já tinham sido eleitos em outros níveis de governo foram mostrados como não-exemplos de <i>outsider</i> .	Estudo de caso	As variações nos perfis sociais e políticos dos parlamentares eleitos junto à Macri em 2015 são pequenas comparadas ao perfil parlamentar eleito junto a Cristina Kirchner.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Quadro 8 - Definições do conceito de outsiders políticos presentes na literatura analisada

Referência	Definição de <i>outsiders</i>
(Kenney, 1998)	Líderes que ganharam proeminência fora do sistema partidário nacional
(Corrales, 2008)	Segue a definição de novato de Linz (1994): candidatos à presidência que não disputaram nenhuma outra eleição anteriormente, e não possuem experiência em nenhum cargo da alta administração pública.
(Barr, 2009)	Alguém que ganha proeminência política não por meio ou em associação com um partido estabelecido e competitivo, mas como político independente ou em associação com partidos novos ou recém-competitivos.
(McDonnell & Newell, 2011)	Partidos que devido à natureza de sua ideologia, retórica e posições sobre a participação do governo, se colocam ou são colocados por outros, 'fora' da esfera de poder dos partidos, inviáveis para uma coalizão de governo.
(Carreras, 2012)	Há três tipos de <i>outsiders</i> : "amadores" são atores novos na política, mas que concorrem por partidos tradicionais; "mavericks" são atores com experiência política que concorrem por novos partidos; e "full outsiders" são atores sem experiência política que concorrem por novos partidos.
(Carreras, 2013)	É o ator que não possui experiência política e que busca poder por meio de um novo partido.
(Carreras, 2014)	Um presidente é considerado um político <i>outsider</i> quando tem menos de dois anos de experiência política antes de chegar no poder, combinando liderança executiva, legislativa e partidária. Candidatos independentes dos partidos consolidados e politicamente inexperientes também são considerados <i>outsiders</i> políticos.
(Aspinall, 2015)	Apresenta a definição de Barr (2009)
(Andrés, 2016)	Oferece várias: um novo ator na política; uma opção alternativa ou alheia ao <i>establishment</i> político; candidatos com poucas chances de vitória, o "azarão" da disputa; pessoas com carreiras profissionais consolidadas em outra área.
(Donatello & Levita, 2017)	Aqueles que iniciaram a carreira fora dos partidos políticos e que, ao mesmo tempo, exerciam funções fora da política como principal atividade profissional antes de assumirem a sua cadeira
(Petarca et al., 2022)	Partidos que não recebem votos suficientes para participar do governo, ou que não são considerados capazes de formar uma coalizão.
(Freschi & Mete, 2020)	Mulheres; candidatos que sempre perdem as eleições; e candidatos apoiados por somente uma lista no contexto das eleições municipais da Itália.
(Fergusson et al., 2021)	Grupos tradicionalmente excluídos da participação política eleitoral.

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

Quadro 9 - Resultados obtidos na análise do corpus de artigos utilizando a ficha de leitura

Perguntas da ficha de leitura	Percentual presente no corpus
1) O tema principal do artigo é sobre políticos <i>outsiders</i> ?	33
2) O artigo oferece alguma definição do termo <i>outsider</i> ?	43
3) O tema principal do artigo é um líder político?	40
4) O tema principal do artigo é políticos/partidos populistas?	37
5) O tema principal do artigo é políticos/partidos anti-establishment?	40
6) O texto aborda a falta de confiança nas instituições políticas?	20
7) O artigo aborda causas/consequências da crise de legitimidade de partidos?	37
8) O texto aborda crise de representação política?	30
9) O texto aborda movimentos sociais, cívicos ou políticos?	40
10) O texto foca em eleições legislativas?	30
11) O texto foca em eleições presidenciais?	53
12) O texto aborda crises econômicas?	43
13) O texto é um estudo de caso?	47
14) O artigo apresenta testes estatísticos?	23

Fonte: elaborado pela autora, 2022.

V. Discussão

Tendo explorado a literatura, relembremos as questões de pesquisa: Q1) Como a literatura aborda o fenômeno político dos *outsiders*?; Q2) Há uma definição consensual de *outsiders* políticos? Q3) É possível operacionalizar o conceito para utilizá-lo para tratar de cargos tanto do executivo, quanto do legislativo?

Acerca da primeira questão, a principal preocupação era verificar o prisma pelo qual os estudos de ciência política enxergam o fenômeno, vimos que a maioria dos artigos são estudos de caso e estão focados em eleições presidenciais. Ainda, grande parte dos estudos que abordam atores *outsiders* não necessariamente se detêm em explorar o tema e o conceito de *outsiders* na política, mas sim outras características do líder ou do partido que o autor considera *outsider*, dentre as quais se destacam o tipo de discurso que esses atores sustentam (e que geralmente é fundado na retórica *anti-establishment*). O tema não é muito explorado por estudos da área de elites políticas.

Uma porcentagem considerável de estudos (43%) se preocupou em estabelecer uma definição de políticos *outsiders*, o que nos leva à segunda questão de pesquisa: há uma definição consensual de *outsiders* políticos? Há uma definição mais ou menos consensual, mas ao mesmo tempo, diversos estudos utilizam esse termo indiscriminadamente e pressupõe-se que o contexto político do estudo explique o motivo pelo qual aquele ator ou partido é considerado *outsider*. Dito isso, as principais dimensões que caracterizam os *outsiders* vistos na literatura e sintetizados no [Quadro 8](#) são as seguintes:

- 1) *Dimensão partidária* (relevância em relação ao sistema partidário): a irrelevância pode ser uma característica de partidos novos ou recém fundados, ou de antigos que se tronaram competitivos recentemente, como movimentos políticos que se tornam partidos posteriormente ao sucesso eleitoral de seu líder (Carreras, 2014; Barr, 2009). Esses partidos geralmente não são aqueles em torno dos quais as disputas eleitorais acontecem e nem essenciais para uma coalizão de governo (McDonnell & Newell, 2011; Petrarca et al., 2022). Os *outsiders* geralmente são associados a esse tipo de partido.
- 2) *Dimensão discursiva*: o discurso de crítica exacerbada à classe política estabelecida e aos partidos tradicionais é um elemento que, embora não tenha sido muito abordado no [Quadro 8](#), acaba por aparecer como uma variável essencial em uma série de estudos analisados aqui (Ceron et al., 2021; Kellner, 2017; Fella & Ruzza, 2013; Van Kessel, 2012; Hartlab, 2015). Muitos caracterizam esse discurso como populista, mas por influência de autores que se esforçaram em definir com mais rigor esse tipo de discurso, como Scheadler (1996), preferimos chamar essa retórica de *anti-establishment* político.

Para definir indivíduos como *outsiders*, além das dimensões partidárias e discursiva, é preciso examinar também a dimensão profissional:

- 3) *Dimensão profissional*: Carreras (2012; 2014) defende que para identificar um *outsider*, é preciso olhar para a experiência política prévia do indivíduo e considerar se ele já desempenhou alguma atividade na política ou na administração pública. Assim, não se pode considerar um *outsider* legítimo um indivíduo que se elege por um partido novo, mas que previamente foi, por exemplo, um ministro de Estado.

Quanto à última questão de pesquisa, sobre a possibilidade ou não de operacionalizar o conceito para tratar de cargos tanto do executivo, quanto do legislativo, nos deparamos com uma tarefa complexa. Mesmo com essas três dimensões claramente definidas, ainda há complicadores na tarefa de definir um político como *outsider* e de aplicar esse conceito a casos empíricos, principalmente se pretendemos expandir essa definição para outros cargos que não o de presidente. São complicadores:

- a) Nuanças do que pode ser considerado *experiência prévia* na atividade política.
- b) A posição política para o qual ele foi eleito na política institucional.
- c) Dificuldade de caracterizar partidos marginais e novos em sistemas multipartidários como os da América Latina.

Em relação ao primeiro tópico, precisamos nos questionar sobre o que pode ser de fato considerada “atividade política”. Além dos cargos eletivos, os cargos não eletivos, como ministro e secretário de estado, ou chefe e assessor de gabinete parlamentar, também são atividades muito relevantes e que deveriam ser qualificadas como experiências políticas prévias a uma eleição. No entanto, quando tomamos toda a administração pública, o posto de direção de uma autarquia e de chefia de departamento de órgão público podem ser assim consideradas? E como ficaria a experiência fora da política institucional, como a atuação na direção de uma associação profissional, de sindicatos, movimentos sociais e estudantis e outros tipos de ativismo político?

Quanto ao segundo tópico, a maioria dos estudos sobre políticos *outsiders* aborda candidatos que se elegeram à presidência de um país (53 % dos casos). Um *outsider* chegar à presidência é um evento muito relevante, mas um *outsider* se eleger ao cargo de prefeito, governador e deputado seria considerado relevante da mesma forma, na mesma escala?

Sobre a esfera legislativa, Donatello & Levita (2017) analisaram as características sociológicas dos deputados nacionais de países de Mercosul entre 2003 e 2015 e classificaram como *outsiders* aqueles que iniciaram a carreira fora dos partidos políticos e que, ao mesmo tempo, exerciam funções fora da política como principal atividade profissional antes de assumirem uma cadeira no Legislativo. Assim, para ser considerado um *outsider*, o deputado não podia ter iniciado sua trajetória política nem em partido político e nem em organização estudantil. Além disso, sua atividade principal exercida antes de assumir o cargo não poderia ser nem na política e nem na administração pública. Sendo assim, podemos dizer que não é adequado classificar como *outsiders* os indivíduos que se elegeram pela primeira vez a um cargo político, pois sem saber a atividade principal desempenhada antes da sua candidatura não é possível saber ao certo se ele é realmente um *outsider*.

Por fim, a dificuldade de classificar partidos como novos ou marginais em sistemas multipartidários como o do Brasil é outro complicador. Nos artigos aqui estudados, os partidos novos e *anti-establishment* da Europa eram claramente identificáveis dada a natureza de seus sistemas partidários. No caso dos estudos sobre América Latina, os partidos eram na verdade movimentos sociais que se tornaram veículos eleitorais para seus candidatos à Presidência. A definição do que seria um partido novo ou marginal irá variar de um sistema partidário para outro, ou seja, apesar de existir bases comuns para a definição, ela será mais contextual do que generalizadora.

A limitação da classificação dual *outsider-insider* já havia sido identificada por Barr (2009), Carreras (2012) e Kenney (1998), que ofereceram alternativas intermediárias a esses dois tipos ideais. Porém, trabalhando com casos empíri-

cos para além das corridas presidenciais, vislumbra-se a necessidade de aprimorar essa classificação. Uma maneira mais eficiente de operacionalizar o conceito de *outsider* seria uma escala que considere todas essas nuances. Assim, não seria possível decretar se tal indivíduo é um *outsider* ou um *insider*, mas sim o quão fora da política ele estava antes de se eleger.

VI. Conclusões

O artigo realizou uma revisão de escopo sobre políticos *outsiders* e buscou responder à três questões de pesquisa:

Q1) Como a literatura aborda o fenômeno político dos *outsiders*? Concluiu-se que o faz de maneira muito diversificada e contempla pelo menos seis grandes áreas de estudo, conforme demonstrado nos Quadros 2 a 7. *Outsiders* em eleições presidenciais, seu discurso e as relações deles com as instituições políticas e o eleitorado são as questões mais abordadas. Não há um nicho de pesquisa consolidado sobre o tema.

Q2) Há uma definição consensual de *outsiders* políticos? Há uma definição mais ou menos consensual. Apesar do uso um tanto indiscriminado do termo, podemos dizer que, em geral, o *outsider* preenche ao menos duas destas três características: 1) concorre em eleições por um partido novo ou marginal ao sistema partidário; 2) não tem experiência na política institucional; 3) adota um discurso *anti-establishment* político. Para distinguir os diferentes tipos de *outsider* que podem surgir numa eleição presidencial, há a tipologia de Carerras (2012).

Q3) É possível operacionalizar o conceito para utilizá-lo para tratar de cargos tanto do executivo quanto do legislativo? É possível, mas demanda maior desenvolvimento do tema. Embora haja uma tipologia já definida para candidatos à presidência, a aplicação dos tipos de *outsider* político para atores que almejam cargos no legislativo não foi largamente explorada, com exceção de alguns poucos estudos (Donatello & Levita, 2017; Ortiz de Rozas et al., 2020). Contudo, essas operacionalizações são feitas *ad hoc* e dificilmente podem ser generalizadas para outros contextos.

A principal contribuição desse artigo foi oferecer uma ampla revisão e organização dos estudos sobre *outsiders* na política. Não foi encontrado nada parecido com o que apresentamos na literatura até então. Na Q1 mostramos as diferentes ênfases em determinadas variáveis pelos estudos que abordam o fenômeno. Na Q2, evidenciamos que os estudos que focam na definição de *outsiders* se atêm mais à localização dos atores vis a vis o sistema partidário e à experiência política deles. No entanto, empiricamente, a variável da retórica dos atores é a mais utilizada para caracterizá-los. Com a Q3 jogamos luz sobre a necessidade e a complexidade de expansão do conceito de *outsider* para outros cargos eletivos além do de Presidente.

Em termos de avanço na agenda de pesquisa relacionada, primeiramente reiteramos que são diversas. Assim, consideramos que contribuímos com a análise das estratégias conceituais, pois mostramos e organizamos as variáveis predominantes na literatura da Ciência Política para definir *outsiders*. Outra contribuição foi a discussão sobre o conceito para pensar uma mudança no perfil das elites políticas em cargos no legislativo. Demonstramos que é uma tarefa mais complexa. Uma proposta de avanço dessa agenda é operacionalizar o conceito de *outsider* por meio de uma escala que mesure o quão fora do

sistema político e partidário o ator estava antes de vencer eleições, utilizando como base a tipologia de *outsiders* e o estudo das carreiras políticas.

Algumas limitações desta revisão são dignas de menção. Poucos livros apareceram nos resultados, isto é, trabalhos de maior fôlego, com maior documentação e sistematização. Outra limitação foi a dificuldade de filtrar estudos usando o termo “*outsider*” na *string* de busca. Como mencionado na Introdução, esse termo é usado na língua inglesa para se referir a situações que frequentemente não se relacionam a novos atores que entram na política eleitoral tradicional. Em consequência, os resultados são altamente poluídos com artigos sobre temas diversos, o que dificultou a seleção dos textos para esta revisão e, consequentemente, a sistematização dos resultados. As bases Scopus e Web of Science possuíam recursos de buscas mais sofisticados, o que permitiu resultados mais refinados. Já as bases SciELO Brasil, Redalyc e Google Scholar apresentaram resultados muito numerosos e pouco refinados que dificultaram a pesquisa.

A seguir apresentamos o [Quadro 10](#) com a finalidade relatar as etapas cumpridas na elaboração dessa revisão de escopo.

Quadro 10 - PRISMA-Scr Checklist

Seção	Número do item	Item de verificação da lista do PRISMA-SCR	Referido na página
TÍTULO			
Título	1	Identifique o trabalho como uma revisão de escopo.	p. 2
RESUMO			
Resumo estruturado	2	Providencie um resumo estruturado que inclua (se aplicável): histórico (<i>background</i>) do tema/problema, objetivos da revisão, fontes e critérios de elegibilidade da literatura analisada, métodos de mapeamento e análise dos textos, resultados e conclusões relacionadas com as questões e os objetivos da revisão.	p. 1
INTRODUÇÃO			
Justificativa	3	Justifique a necessidade da revisão em função do que já é conhecido sobre o tema. Explique por que as questões/objetivos relativos ao tema/problema necessitam uma revisão de escopo da literatura.	p. 2 e 3
Objetivos	4	Explicitamente as perguntas e os objetivos abordados na revisão da literatura ligados a alguns elementos-chave (por exemplo, população analisada, conceitos e contexto) ou ligados a outros elementos relevantes usados para definir as questões e/ou objetivos da revisão.	p. 2
MÉTODOS			
Protocolo e registro	5	Indique se existe um protocolo da revisão; indique se e onde ele pode ser acessado (por exemplo, um endereço da Web); e, se disponível, forneça informações do registro prévio da revisão, incluindo o seu número.	Não há
Crítérios de seleção	6	Especifique as características das fontes utilizadas nas buscas e os critérios de elegibilidade da literatura analisada (por exemplo, intervalo de anos considerados, idioma e tipo de publicação); forneça uma justificativa para tudo isso.	p. 5, 6 e 7
Fontes de pesquisa	7	Descreva todas as fontes de informação utilizadas na pesquisa bibliográfica (por exemplo, bancos de dados com as respectivas datas abrangidas pela busca, além de consultas a outros autores para identificar fontes adicionais [textos não publicados tais	p. 5 e 6

(continua)

Quadro 10 - Continuação

Seção	Número do item	Item de verificação da lista do PRISMA-SCR	Referido na página
		como teses e dissertações, livros, capítulos etc.), bem como a data em que a pesquisa mais recente da literatura foi feita.	
Busca	8	Apresente a estratégia completa da busca na Internet para pelo menos um banco de dados utilizado na revisão, incluindo quaisquer limites e condições usados de forma que a mesma busca possa ser repetida por outras pesquisadoras [por exemplo: a <i>string</i> de busca].	p. 5
Seleção dos estudos	9	Indique o processo de seleção dos textos (ou seja, como foi feita a triagem do material e quais foram os critérios de elegibilidade) incluídos na análise de escopo da literatura.	p. 6.
Processo de mapeamento dos dados	10	Descreva os métodos de mapeamento [e de fichamento] da literatura incluída na revisão (por exemplo, fichas padronizadas para a leitura dos textos ou formulários de coleta de dados testados pela equipe encarregada da revisão antes do seu emprego, e se o mapeamento dos textos foi feito de forma independente ou se foi feito por duas [ou mais] pessoas) e quaisquer outros processos empregados pelas pesquisadoras para obter e verificar dados da bibliografia.	p. 9 e 19
Variáveis [“Data items”]	11	Enumere e defina todas as variáveis que foram buscadas na literatura, bem como todas as suposições e simplificações que foram feitas.	p. 19
Avaliação crítica de fontes específicas	12	Caso tenha sido realizada, explique como foi feita a avaliação crítica do material incluído e resumido na revisão da literatura, descrevendo sua metodologia.	
Síntese de resultados	13	Descreva os métodos de tratamento e resumo dos dados presentes nos textos que foram mapeados.	p. 7 e 9
RESULTADOS			
Seleção de estudos	14	Forneça o número de estudos pesquisados, depois avaliados e finalmente o número de trabalhos incluídos na revisão da literatura, com os motivos das exclusões em cada estágio, usando, de preferência, um fluxograma.	p. 8
Características dos estudos	15	Apresente as características de cada estudo mapeado na revisão incluindo as referências bibliográficas.	p. 10 a 18
Avaliação crítica interna dos estudos	16	Se feito, apresente os dados da avaliação crítica dos textos incluídos na revisão (ver item 12).	
Análise dos resultados específicos dos estudos	17	Para cada estudo incluído na revisão, apresente os dados relevantes que foram mapeados e que se relacionam com as questões e com os objetivos da revisão.	p. 10 a 18
Síntese de resultados	18	Resuma e/ou apresente os resultados do mapeamento dos textos e como eles se relacionam com as questões e com os objetivos da revisão.	p. 20 a 21
DISCUSSÃO			
Resumo dos achados	19	Resuma os principais resultados (incluindo uma visão geral dos conceitos, temas e tipos de evidências disponíveis), conecte-os com as questões e com os objetivos da revisão da literatura e faça considerações sobre a relevância dos resultados que encontrou para o uso de grupos-chave [formuladores de políticas públicas, legisladores etc.].	p. 21 e 22
Limitações	20	Discuta as limitações do trabalho de revisão da literatura [tanto aquelas relacionadas especificamente com os textos, quanto aquelas relacionadas com o próprio trabalho de revisão, como	p. 23

(continua)

Quadro 10 - Continuação

Seção	Número do item	Item de verificação da lista do PRISMA-SCR	Referido na página
Conclusões	21	seleção de fontes, vieses de escolhas, abrangência da pesquisa etc.]. Faça uma interpretação geral dos resultados conectando-os às questões e aos objetivos da revisão, bem como potenciais implicações e/ou próximos passos de pesquisa.	p. 22
FINANCIAMENTO			
Financiamento	22	Descreva as fontes de financiamento das evidências incluídas no estudo [isto é, dos textos analisados, se for pertinente], bem como as fontes de financiamento (e o seu papel) para esta revisão da literatura.	

Nota: o checklist PRISMA foi traduzido para o português por Adriano Codato.

Fonte: elaborado pela autora com base em [Tricco et al. \(2018\)](#), 2023.

Roberta Picussa (betapicussa@gmail.com) é doutoranda do Programa de Ciência Política da Universidade Federal do Paraná e assessora parlamentar na Assembleia Legislativa do Estado do Paraná.

Referências

- Andrés, R.R. (2016) El ascenso de los candidatos outsiders como consecuencia de las nuevas formas de Comunicación Política y la desafección ciudadana. *Comunicación y Hombre*, (12), 73-95.
- Arksey, H. & O'Malley, L. (2005) Scoping studies: towards a methodological framework. *International Journal of Social Research Methodology: Theory and Practice*, 8(1), pp. 19-32. [DOI](#)
- Aspinall, E. (2015) Oligarchic populism: Prabowo subianto's challenge to Indonesian democracy, *Indonesia*, 2015(99), pp. 1-28. [DOI](#)
- Barr, R.R. (2009) Populists, outsiders and anti-establishment politics. *Party Politics*, 15(1), pp. 29-48. [DOI](#)
- Carreras, M. (2012) The rise of outsiders in Latin America, 1980-2010: an institutionalist perspective. *Comparative Political Studies*, 45, pp. 1451-1482. [DOI](#)
- Carreras, M. (2013) Presidentes outsiders y ministros neófitos: un análisis a través del ejemplo de Fujimori. *América Latina Hoy*, 64, pp. 95-118. [DOI](#)
- Carreras, M. (2014) Outsiders and executive-legislative conflict in Latin America. *Latin American Politics and Society*, 56(3), 70-92.
- Ceron, A., Gandini, A. & Lodetti, P. (2021) Still “fire in the (full) belly”? Anti-establishment rhetoric before and after government participation. *Information Communication and Society*, 24(10), pp. 1460-1476. [DOI](#)
- Corrales, J. (2008) Latin America's neocaudillismo: ex-presidents and newcomers running for president... and winning. *Latin American Politics and Society*, 50(3), pp. 1-35. [DOI](#)
- Cotta, M., & Best, H. (eds) (2007) *Democratic representation in Europe: diversity, change, and convergence*. New York: Oxford University Press.
- Donatello, L.M. & Levita, G. (2017) ¿Renovación de las elites o renovación de las élites políticas? Los diputados outsiders en los países del Mercosur (2003-2015). *RIPS: Revista de Investigaciones Políticas y Sociológicas*, 16(2). [DOI](#)
- Donovan, M. (1995) The politics of electoral reform in Italy. *International Political Science Review*, 16(1), pp. 47-54.
- Doyle, D. (2011) The legitimacy of political institutions: explaining contemporary populism in latin america. *Comparative Political Studies*, 44(11), pp. 1447-1473. [DOI](#)
- Fella, S. & Ruzza, C. (2013) Populism and the fall of the centre-right in Italy: the end of the Berlusconi model or a new beginning? *Journal of Contemporary European Studies*, 21(1), pp. 38-52. [DOI](#)
- Fergusson, L., Querubin, P., Ruiz, N.A., & Vargas, J.F. (2021) The real winner's curse. *American Journal of Political Science*, 65(1), 52-68. [DOI](#)
- Figus, A., Alberti, A. & de Serio, L. (2020) Ukraine a country in crisis between Europe, Russia, and a complex electoral process. *Geopolitical, Social Security and Freedom Journal*, 3(1), pp. 87-119. [DOI](#)
- Freschi, A.C. & Mete, V. (2020) The electoral personalization of Italian mayors. A study of 25 years of direct election. *Italian Political Science Review/Rivista Italiana Di Scienza Politica*, 50(2), pp. 271-290. [DOI](#)
- Hartleb, F. (2015) Here to stay: anti-establishment parties in Europe. *European View*, 14(1), pp. 39-49. [DOI](#)
- Kellner, D. (2017) Brexit Plus, whitelash, and the ascendancy of Donald J. Trump. *Cultural Politics*, 13(2), pp. 135-149. [DOI](#)
- Kenney, C.D. (1998) Outsider and anti-party politicians in power: new conceptual strategies and empirical evidence from Peru. *Party Politics*, 4(1), pp. 57-75. [DOI](#)

- Van Kessel, S. (2012) A matter of supply and demand: the electoral performance of populist parties in three European countries. *Government and Opposition*, 48(2), pp. 175-199. DOI
- Leoni, E. & Pereira, C.R. (2003) Estratégias para sobreviver politicamente: escolhas de carreiras na Câmara de Deputados do Brasil. *Opinião Pública*, IX(1), pp. 44-67.
- Levitsky, S. & Ziblatt, D. (2018) *Como as democracias morrem*. São Paulo: Zahar.
- Luke, T.W. (2017) What must be done: sustaining new political science after America's decades of decline. *New Political Science*, 39(4), pp. 487-510. DOI
- Marengo, A. (1997) Nas fronteiras do campo político: raposas e outsiders no Congresso Nacional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 33, pp. 87-101. Disponível em: http://anpocs.com/images/stories/RBCS/33/rbcs33_06.pdf Acesso em: 2 de nov. 2023.
- McDonnell, D. & Newell, J.L. (2011) Outsider parties in government in Western Europe. *Party Politics*, 17(4), 443-452. DOI
- Mény, Y. (2017) A tale of party primaries and outsider candidates: The 2017 French presidential election. *French Politics*, 15(3), pp. 265-278. DOI
- Moon, D.S. (2020) The role of cultural production in celebrity politics: comparing the campaigns of Jesse 'The Body' Ventura (1999) and Donald Trump (2016). *Politics*, 40(2), pp. 139-153. DOI
- Muravchik, S. & Shields, J.A. (2019) Trump: new populist or old democrat? *Critical Review*, 31(3-4), pp. 405-419. DOI
- Norris, P. & Inglehart, R. (2019) *Cultural backlash: Trump, Brexit, and authoritarian populism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Oliveira, V., Menezes-Filho, N., Komatsu, B. & Hott, H.A. (2019) *Outsiders na política melhoram a gestão municipal? Policy Paper n° 36*. São Paulo: Centro de Políticas Públicas do Insper, pp. 1-35. Available at: <<https://www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2019/01/Policy-Paper-Outsiders.pdf>>. Accessed at: 2 nov. 2023.
- Ortiz de Rozas, V., Levita, G. & Rodrigo, C. (2020) Neither CEOs nor outsiders. Changes and continuities at the Argentine Congress in 2015. *Revista Uruguaya de Ciencia Política*, 29(2), pp. 115-137. DOI
- Paiva, D. & Alves, V.S. (2020) O voto dos desiludidos: a ascensão de um prefeito outsider e o declínio dos partidos tradicionais em São Paulo. In: A. Lavareda & H. Telles (org) *Eleições municipais: novas ondas na política*. Rio de Janeiro: FGV, pp. 143-164.
- Perottino, M. & Guasti, P. (2020) Technocratic populism à la française? The roots and mechanisms of Emmanuel Macron's success. *Politics and Governance*, 8(4), pp. 545-555. DOI
- Petrarca, C.S., Giebler, H. & Weßels, B. (2022) Support for insider parties: the role of political trust in a longitudinal-comparative perspective. *Party Politics*, 28(2), pp. 329-341. DOI
- Searing, D.D. (1987) New roles for postwar British politics: ideologues, generalists, specialists, and the progress of professionalization in parliament. *Comparative Politics*, 19(4), pp. 431-452. DOI
- Schedler, A. (1996) Anti-political-establishment parties. *Party Politics*, 2(3), pp. 291-312. DOI
- Silva, E. (2013) Social movements, policy, and conflict in post-neoliberal Latin America: Bolivia in the time of Evo Morales. *Research in Political Sociology*, 21, pp. 51-76. DOI
- Tricco, A.C., Lillie, E., Zarin, W., O'Brien, K.K., Colquhoun, H., Levac, D., et al. (2018) PRISMA extension for scoping reviews (PRISMA-ScR): checklist and explanation. *Annals Of Internal Medicine*, 169(7), pp. 467-473. DOI
- Tronconi, F. (2018) The Italian Five Star Movement during the crisis: towards normalisation? *South European Society and Politics*, 23(1), pp. 163-180. DOI
- da Vinha, L.M. (2018) The electoral victory of Donald Trump: an analysis of institutional dysfunction. *Revista de Sociologia e Política*, 26(66), pp. 7-30. DOI
- Van Kessel, S. (2013) A matter of supply and demand: the electoral performance of populist parties in three European countries. *Government and Opposition*, 48(2), pp. 175-199. DOI
- Wilpert, G. (2007) Chavez's Venezuela and 21st century socialism. *Research in Political Economy*, 24, pp. 3-42. DOI

Outsiders: a hard concept to operationalize in Political Science

Keywords: political outsiders, anti-establishment discourse, political parties, political careers, scoping review.

ABSTRACT Introduction: While the electoral success of political outsiders, individuals who build their careers outside established political parties, is not a novel phenomenon, it has become increasingly prominent in Europe, the United States, and Latin America. How can we define and apply this concept in Political Science? **Materials and methods:** We conducted a high-sensitivity search across key academic databases, including Web of Science, Scopus, SciELO Brasil, Redalyc, and Google Scholar, ultimately selecting 30 documents for this scoping review. Through the analysis of these papers, we examined how the political outsider phenomenon has been addressed within the field of Political Science and the empirical foundations employed to define this concept. **Findings:** Our analysis found three key dimensions for identifying political outsiders: 1) political party, 2) discursive, and 3) professional. The first dimension assesses whether individuals have risen to prominence within or outside traditional political parties. The second dimension examines whether these leaders employ an anti-establishment rhetoric. The third dimension investigates whether they held prior positions in institutional politics before entering electoral contests. We found a recurring trend in most studies to categorize leaders and political parties as outsiders when they employ a discourse characterized by vehement criticism of the political class. **Discussion:** The research on political outsiders continues to grapple with enduring conceptual and methodological challenges. In addition to the varying emphases on specific variables across disciplines addressing this phenomenon (political science, political communication), difficulties in operationalizing the concept of outsiders persist within the existing literature. While various types of outsiders have been identified in presidential elections, applying this model to legislative positions requires a more refined concept and the incorporation of political careers in the analyses.



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.